



RELATO DE EXPERIÊNCIA*

A LITERATURA INDÍGENA FEMININA EM SALA DE AULA

Rosivânia dos Santos¹

Resumo:

Este relato pretende apresentar as experiências da inserção da literatura indígena em salas de aula dos últimos anos do Ensino Fundamental, na disciplina Língua Portuguesa, avaliando de que forma a poética de autoria indígena brasileira contemporânea contribui para refletir sobre a pluralidade étnica existente no país e para desconstruir os estereótipos referentes às caricaturas dos povos originários. Levando-se em conta que o currículo da escola ainda é tradicionalmente homogêneo, mesmo havendo leis como a 11.645/2008, apresentar aos educandos perspectivas indígenas de saberes, por meio dos textos literários, caracteriza-se como uma prática pedagógica pautada no pensamento decolonial. Por esse viés, objetiva-se abordar a poética indígena de autoria feminina, oportunizando ao público-alvo conhecer as diversidades culturais que compõem as identidades dos brasileiros, pensando-se como um sujeito envolvido nesse processo de construção identitária, bem como desfazer as caricaturas no que diz respeito aos indígenas, mediante suas epistemes, que foram negadas, silenciadas e desrespeitadas ao longo dos tempos. Para isso, optei por levar para a sala de aula como objeto de estudo o poema “Aldeia”, de Graça Graúna, que faz parte do seu livro *Canto Mestizo* (1999); o poema “A denúncia”, de Eliane Potiguara, da obra *Metade cara, metade máscara* (2004); o cordel *Coração na aldeia, pés no mundo* (2018), de Auritha Tabajara; o poema “Índio eu não sou”, de Márcia Kambeba, do livro *Ay kakiri tama: eu moro na cidade* (2018); e o poema “Vô Madeira”, de Julie Dorrico. Tal escolha foi motivada por se compreender os textos mencionados como veiculadores das culturas indígenas, o que se nota, por exemplo, pela menção a diversas etnias;

¹ Mestre em Letras, da Universidade Federal de Sergipe; Colégio Estadual Castro Alves e colégio Municipal de Adustina-BA

* PRODUZIDO NO ÂMBITO DO CURSO DE FORMAÇÃO PARA PROFESSORES EM HISTÓRIA E CULTURA INDÍGENA – 2ª ED. REALIZADO PELO GRUPO DE TRABALHO EM HISTÓRIA E CULTURA INDÍGENAS DA ANPUH-GO E UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS. DE 12 DE FEVEREIRO A 09 DE ABRIL DE 2022.



somam-se a isso a riqueza estética e uma linguagem combativa que apresenta um viés de denúncia e de resistência.

Palavras-chave:

Eliane Potiguara; Graça Graúna; Auritha Tabajara; Márcia Kambeba; Julie Dorrico.

INTRODUÇÃO

O ensino da literatura indígena é de grande relevância para a sociedade brasileira, tendo em vista que possibilita refletir sobre a pluralidade cultural existente no país. Cabe aqui falar de culturas no plural, levando em consideração que há 305 nações indígenas que falam 274 línguas, ou seja, possuem costumes e tradições bem distintos. É inadmissível que tamanha diversidade seja desconhecida e ignorada pela grande maioria da população brasileira, demonstrando, assim, um descompromisso nacional em conhecer os primeiros habitantes deste território.

Outro ponto relevante que diz respeito ao trabalho com a literatura indígena se refere à desconstrução de estereótipos. Sabe-se que os textos presentes nos livros didáticos apresentam uma visão exógena sobre as nações originárias, visões essas muitas vezes repletas de preconceitos. É fato que os livros novos já trazem textos de autoria indígena, no entanto, se o educador não tiver um conhecimento básico das culturas indígenas, não terá condições de explorar esses textos de modo a contribuir na decolonização dos saberes. Sendo assim, é imprescindível que os livros de autoria indígena cheguem às escolas públicas e que os educadores tenham acesso a uma formação continuada que os torne aptos a tirar do papel a Lei nº 11.645, de 2008.



OBJETIVO GERAL

Apresentar a literatura indígena para os estudantes do 8º ano A e B (Ensino Fundamental), do turno matutino, do Colégio Municipal de Adustina, por meio da exposição dos textos das poetisas Eliane Potiguara, Graça Graúna, Auritha Tabajara, Márcia Kambeba e Julie Dorrico. Tais textos serão lidos, declamados, apresentados e analisados, de modo que os estudantes possam refletir sobre a sua cultura, os elementos que compõem as suas identidades e as estéticas particulares da poética indígena.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Conhecer a pluralidade étnica que constitui as identidades do povo brasileiro;
- Reconhecer e valorizar as culturas dos povos originários;
- Compreender que o respeito pelas outras culturas é a condição *sine qua non* de sobrevivência da humanidade;
- Refletir por meio da literatura indígena sobre costumes e atitudes nocivas ao meio ambiente;
- Identificar aspectos peculiares da estética literária indígena;
- Analisar as características dos poemas;
- Desenvolver a leitura ritmada em forma de jogral.

JUSTIFICATIVA

A escolha dos textos poéticos para serem trabalhados em sala de aula se justifica por apresentarem de forma explícita a cultura, os costumes e as cosmovisões dos povos indígenas, ajustando-se aos objetivos planejados nesta proposta. Isso significa dizer que os poemas discutidos serão utilizados como instrumentos de desconstruções de saberes estereotipados, resultados de uma formação escolar em que predomina uma perspectiva de ensino etnocêntrica, responsável pela consolidação de uma sociedade propensa a práticas preconceituosas e intolerantes.

Além do mais, a seleção de autoras indígenas se fundamenta por se tratar de uma parcela social que vivencia na pele a interseccionalidade de identidades vulneráveis, assim estando mais



propensas a sofrerem discriminação, assédio, violência, racismo e exclusão, como é denunciado nos poemas apresentados. Dessa forma, escolhi apresentar aos estudantes quem é a mulher indígena por elas mesmas, sem o agenciamento de terceiros. Cabe sublinhar, ainda, o caráter combativo e de resistência que se corporifica por meio das tessituras textuais das poetisas estudadas.

A presente proposta será desenvolvida no Colégio Municipal de Ajustina, situada na cidade de Ajustina, Região Semiárido NE-II, no Estado da Bahia. O público-alvo escolhido para a realização das oficinas são os estudantes do 8º ano A e B, com uma faixa etária entre 12 e 14 anos, quantificando 44 alunos. A oficina acontecerá durante as aulas de Língua Portuguesa.

DESENVOLVIMENTO

- Apresentação da oficina 1 (17-03) 1h40min

Aldeia (Graça Graúna)

A brisa da minha aldeia
e a claridade, meninas,
tecem de leve as cores
das tranças da Índia.

Numa ciranda de filhos
a índia tece um sorriso
manhosamente de cores
a mansidão das manhãs.

Pela vida a lua-irmã
e o vento brando do leste
resgatam com a Estrela Vésper
a paz de cada estação.
(GRAÚNA, 1999, p.52)

Sugestão de metodologia:

- Organizar a turma em círculo;
- Perguntar aos alunos como eles imaginam que seja uma aldeia (escrever em uma folha);
- Antes de apresentar o poema, fazer um painel com imagens variadas de mulheres indígenas em suas aldeias e deixar exposto para que os estudantes possam relacionar com o poema;
- Trazer a fotografia da autora;
- Organizar um jogral para apresentação do poema.



Questões a serem exploradas após a leitura (oral e depois escrita):

1. O título do poema sugere que irá apresentar um determinado espaço. Que espaço é esse?
2. Como ele está sendo descrito?
3. Quais são os elementos utilizados pelo eu poético que reafirmam as identidades indígenas?

A denúncia (Eliane Potiguara)

Ó mulher, vem cá
Que fizeram do teu falar?
Ó mulher, conta aí...

Conta aí da tua trouxa
Fala das barras sujas
Dos teus calos nas mãos

O que te faz viver, mulher?
Bota aí teu armamento.
Diz aí o que te faz calar...
Ah! Mulher enganada
Quem diria que tu sabias falar!
(POTIGUARA, 2004, p. 73)

Sugestão de metodologia:

- O poema será declamado por três estudantes (caracterizadas com saias compridas e trouxas na cabeça).

Questões que poderão ser exploradas após a leitura:

1. Como você imagina que é a mulher que fala no poema?
 2. O que as mulheres indígenas tendem a denunciar hoje? E você?
 3. Como podemos avaliar o lugar de fala da mulher indígena na sociedade?
 4. Esse lugar é respeitado?
 5. Quem ouve a mulher indígena?
- Apresentação da oficina 2 (24-03) 1h40min

A lenda do Jurecê (Auritha Tabajara)



Sugestões de metodologia para apresentar o cordel:

- Expor um painel com fotografias do povo Tabajara que representem a sua cultura (plantas, animais, indígenas pintados de urucum, a dança em círculos etc.)
- Trazer alguns dados desse povo: população, onde vive, língua falada...
- Trazer fotografias da autora;
- Projetar o cordel no Datashow para que a turma acompanhe a leitura.

Questões que poderão ser exploradas após a leitura:

1. Qual a etnia mencionada no início do cordel?
2. O que você conhece dessa etnia?
3. É possível identificar algumas palavras de origem das línguas indígenas? Quais?
4. Quais costumes do povo Tabajara são citados no cordel?
5. Quais são os elementos presentes no texto que podem ser identificados como próprios da(s) identidade(s) indígena(s)?
6. De acordo com o texto lido, como se dá a educação das crianças na aldeia?
7. É possível perceber a importância da dança dentro da aldeia? Qual?
8. E o canto?
9. O círculo é um elemento que aparece várias vezes no cordel (a dança acontece em círculo, a contação de histórias, as conversas). Qual a relação desse costume com a organização social da aldeia?
10. Uma das características que marca a escrita de Auritha Tabajara é essa devoção à “Mãe Terra”, à “Mãe Natureza”, a quem sempre pede licença e inspiração para versar suas histórias. O que podemos aprender com esse modo de escrever que, na verdade, representa uma concepção de mundo?
- 11.

- Apresentação da oficina 3 (31-03) 1h40min

Índio eu não sou (Márcia Kambeba)

Não me chame de “índio” porque
Esse nome nunca me pertenceu
Nem como apelido quero levar
Um erro que Colombo cometeu.



Por um erro de rota
Colombo em meu solo desembarcou
E no desejo de às Índias chegar
Com o nome de “índio” me apelidou.

Esse nome me traz muita dor
Uma bala em meu peito transpassou
Meu grito na mata ecoou
Meu sangue na terra jorrou.
Chegou tarde, eu já estava aqui
Caravela aportou bem ali
Eu vi “homem branco” subir
Na minha Uka me escondi.
Ele veio sem permissão
Com a cruz e a espada na mão
Nos seus olhos, uma missão
Dizimar para a civilização.

“Índio” eu não sou.
Sou Kambeba, sou Tembê
Sou kokama, sou Sataré
Sou Guarani, sou Arawaté
Sou tikuna, sou Suruí
Sou Tupinambá, sou Pataxó
Sou Terena, sou Tukano
Resisto com raça e fé
(KAMBEBA, 2018).


Sensibilização: antes de declamar o poema, o professor deve exibir uma música de Márcia Kambeba para que os alunos possam ouvir. Convide-os para dançar, se mexer, sacudir o corpo.

Questões que poderão ser exploradas após a leitura:

1. Qual seria a diferença entre “índio” e “indígena”?
2. Pensando no contexto da Colonização, o que se pode inferir pelo verso “Chegou tarde, eu já estava aqui”, presente na quarta estrofe?
3. Qual a simbologia dos termos “cruz” e “espada”, presentes na quinta estrofe?
4. São citadas, na última estrofe, várias etnias indígenas. Como elas se relacionam com o título do poema?

Vô Madeira (Julie Dorrico)

O vô correu correu
Com as piranhas e os botos,
Com as jatuaranas e os tambaquis,
Com as cobras e os jacarés,
Com todas as gentes não-humanas do rio;



O vô era um encantado
E por vezes trocava de pele pra ver como andava o mundo
Às vezes vinha de gente, outras de mangueira, algumas vezes perdida, de jaguatirica;
Um dia, num de seus passeios, o vô viu alguns de seus netos em cima de dragas no
meio
do rio:
Bêbados!
Jogando prato, prata, pano, plástico
Parem.
O vô chorou.
O dinheiro é o veneno da alma.
O vô achou que ia parar
Ouro, correntes, pulseirinhas, anéis, casamentos, filhos, netos, bisnetos, tataranetos,
Sem água.
O vô podia ser eterno
Mas fez a travessia jovem.
Só que ninguém sabia que quando ele se fosse
Todas as gentes iam também.
E foi assim que nós desaparecemos.
Feito fome
Feito sede
Feito noite
Feito morte.
(DORRICO, s/d)²

Sugestão de metodologia:

1. Organizar a turma em círculo;
2. No meio colocar fotografias de diversos rios brasileiros;
3. Enquanto o poema é declamado, deixar tocando uma música que imite o som das águas;
4. Deixar expostas as fotografias das duas poetas;
5. Um estudante ficará no meio do círculo representando o vô Madeira. Enquanto o poema é declamado, os estudantes jogarão lixo sobre ele;
6. O estudante que representou o rio fará a exposição do que sentiu ao ser atingido pelo lixo;
7. Os demais estudantes falarão sobre o que sentiram jogando lixo no rio.

Questões que poderão ser exploradas após a leitura:

1. Quem é o Vô Madeira?
2. Em “E foi assim que nós desaparecemos.”, é possível considerar o pronome pessoal “nós” como referente apenas aos indígenas?

² Poema encontrado no link: <https://revistaacrobata.com.br/julie-dorrigo/poesia/vo-madeira-poema-de-julie-dorrigo/>. Acesso em: 2 mar. 2022.



3. Considerando todo o poema, atribua significado ao verso “O dinheiro é o veneno da alma.”
4. Como os não indígenas se relacionam com o rio?
5. Quais são os resultados dessa relação?

RECURSOS E MATERIAIS DIDÁTICOS

- Papel-metro;
- Impressões;
- Caixa de som;
- Datashow;
- Pilotos.

CRONOGRAMA

17-03 – Eliane Potiguara e Graça Graúna

24-03 – Auritha Tabajara

31-03 – Márcia Kambeba e Julie Dorrico

RESULTADOS

Oficina 01 (17-03): Eliane Potiguara e Graça Graúna

A primeira oficina realizada neste projeto foi desenvolvida de acordo com o planejamento acima sem nenhuma alteração. Assim, cabe aqui descrever apenas como se deu a recepção por parte dos estudantes ao terem o primeiro contato com os poemas por meio da exposição e das declamações realizadas em forma de jogral e de encenação.

Os poemas “A denúncia”, de Eliane Potiguara, e “Aldeia”, de Graça Graúna, foram escritos na lousa; aos estudantes foi pedido que copiassem no caderno, com a finalidade de chamar atenção para o formato e a estrutura do texto poético, o que de fato ocorreu. Por



exemplo, comumente houve a pergunta “Posso continuar na mesma linha?”, e assim precisei explicar o que era um verso poético.

O texto poético “Aldeia”, de Graça Graúna, foi declamado por toda a turma em forma de jogral. Para isso, foi necessário que eu fizesse uma leitura individual, explicando que o poema possui um ritmo, sendo assim não deveria ser lido como um texto escrito em prosa. Logo após, fizemos a leitura grupal diversas vezes até chegar a um ritmo “ideal”. Em seguida, o grupo fez a interpretação escrita do poema. Uma das questões da atividade foi “Como você imagina uma aldeia indígena?” Para uma das estudantes do 8º B, a aldeia é um lugar onde residem “várias famílias sempre juntas, se ajudando com crenças e tradições muito fortes, conexão forte com a natureza. Uma aldeia relativamente grande, com casas feitas de ‘coisas’ naturais, divisões de tarefas, tradições ocorrendo frequentemente.”

O poema de Eliane Potiguara foi declamado por um grupo de três meninas que se dispuseram, no dia anterior, a fazer essa pequena apresentação. Desse modo, elas receberam o texto com antecedência para ler e decorar as suas devidas falas. Houve comprometimento por parte do grupo ao desenvolver a tarefa, enquanto os demais manifestaram atenção e curiosidade ao assistirem à performance.

Logo após, foi realizada uma interpretação do texto poético como planejado. Uma das questões da atividade se referia a definir a mulher indígena que fala no poema com a intenção de chamar a atenção para as identidades das mulheres indígenas, fazendo um contraponto com os estereótipos que são veiculados pela escola e pela sociedade. Além disso, como a proposta da oficina foi apresentar textos de poetas indígenas, senti a necessidade de fazer uma abordagem, mesmo que de forma sucinta, dessa temática. Destaco aqui a resposta de uma aluna do 8º ano A ao mencionar que a mulher indígena “É sofrida, mas não quer ouvir tudo calada.”

Oficina 2 (24-03): Auritha Tabajara

A segunda oficina não foi realizada como planejado, então cabe aqui detalhar a metodologia utilizada e justificar a mudança. Estava planejado fazer a leitura do cordel *A lenda do Jurecê*, porém achei mais coerente com os objetivos desta proposta apresentar o cordel *Coração na aldeia, pés no mundo* por tratar da autobiografia de Auritha Tabajara, permitindo,



assim, pensar e discutir com os estudantes sobre os papéis sociais desempenhados pela mulher indígena.

A sala foi organizada em círculo, o que não foi possível na primeira oficina, tendo em vista que estávamos iniciando as aulas presenciais, por isso estávamos sendo mais rigorosos quanto aos protocolos de proteção individual.

Antes de apresentar o texto de Auritha Tabajara, fiz uma exposição dos livros de autores indígenas que compõem a minha biblioteca pessoal: mostrei as obras, falei sucintamente sobre o conteúdo e o autor. Além dos livros das autoras já mencionadas neste relato, se encontravam: Daniel Munduruku, Ailton Krenak, Kaka Werá, Sônia Guajajara etc.

Após a apresentação das obras de autoria indígena, a aula teve continuidade com a leitura do cordel *Coração na aldeia, pés no mundo* (2018). Como na oficina anterior os poemas foram expostos na lousa, na segunda compreendi que seria relevante trabalhar a questão da oralidade e treinar o ouvido para escutar histórias. Ademais, o gênero textual escolhido, “cordel”, mantém essa relação íntima com a oralidade. No que se trata dessa produção em específico, é muito fácil prender a atenção do ouvinte para acompanhar a narrativa.

Em seguida, dirigi alguns questionamentos para que assim pudéssemos fazer uma discussão do texto. Por exemplo, “O que mais te chamou atenção no cordel?” Uma das respostas que apareceu nas duas turmas foi relativa à saída de Auritha da sua aldeia. Um fato curioso: essa resposta veio de meninas, que justificavam não compreender o motivo que a levava a partir, já que amava tanto sua aldeia. Essa foi uma oportunidade para falar sobre as dificuldades econômicas enfrentadas pelos povos indígenas e que isso pode se agravar quando estamos tratando de mulheres. A turma ficou bastante curiosa quando falei que se tratava de uma autobiografia, então fui questionada diversas vezes: “Essa história é verdade?”

Após o debate, os estudantes foram orientados a produzir um cordel de sua autobiografia. É preciso destacar que a classe nunca estudou sobre a estrutura do cordel, sendo que o contato anterior foi apenas por meio da oralidade. Isso significa que, para eles, o cordel era resumido a “rimas”. No entanto, houve muita dificuldade ao produzirem uma narrativa utilizando as rimas.



Ainda merece destaque a resistência, por parte de alguns estudantes, em falar sobre as próprias vidas. Por esse motivo, sugeri que criassem uma autobiografia fictícia, porém, ao fazer essa concessão, percebi que grande parte da turma optou por ficcionalizar o texto, o que não influenciou na obtenção do objetivo, uma vez que a pretensão era levá-los a criar um cordel baseado no texto de Auritha, e, de certo modo, o resultado foi muito gratificante, como é possível confirmar por meio do cordel desta aluna do 8º ano A:

Uma vida

Uma menina linda
Muito educada e gentil
De tão fofo e engraçada
Recebia de todos um elogio.

Morava em uma pequena cidade
Recebia muitos carinhos
Era pouco a sua idade
Mas já tinha inimizadas
Pelo seu curto caminho.

De pequena assediada
Por um garoto na escola
Uma ameaça foi cilada
E a pequena ficou enjoada
Com o que acontecia.

Desde sempre aprontava
Muitas artes fazia
Quase morta várias vezes
Por suas estripulias.

Sempre com um sorriso
Por um certo momento
Mas a grande verdade
É que sua felicidade
Escondia um sofrimento.

O cordel foi estruturado em cinco estrofes, a primeira e a quarta possuem quatro versos e as demais cinco versos. Houve a presença das rimas em todas as estrofes. A autobiografia em destaque é uma produção fictícia, sendo notória a influência da história de Auritha Tabajara, principalmente no que se refere à beleza, ao assédio, às inimizadas e ao sofrimento escondido no sorriso.

O cordel transcrito a seguir é um exemplo de uma autobiografia em que a autora buscou apresentar dados de sua vida:

Meu cordel

Eu sou nordestina
Nasci sergipana
Moro no município de Adustina
E cresci baiana.

Deus me presenteou com minha “Ohana”,
Filha de pais queridos
Minha mãe Maria Adriana
E o meu pai Josino.

Gosto de admirar
E a natureza fotografar
Tratando-se de música
Todas gosto de escutar
Se a música for rap
Até gosto de cantar.

Percebe-se que houve uma mudança significativa na escolha da estrutura, comparando os dois exemplos transcritos. O cordel anterior foi estruturado em três estrofes, as duas primeiras com quatro versos e a última com seis. Há rimas em todas as estrofes e, também, é possível notar a influência da narrativa de Tabajara logo no início, quando a autora menciona o seu lugar de pertencimento, “nordestina”, “baiana” e “Adustina”, assim como ocorre nas duas primeiras estrofes do cordel estudado:

Peço aqui, mãe natureza,
Que me dê inspiração
Pra versar essa história
Com tamanha emoção
Da princesa do Nordeste
Nascida lá no sertão.

Quando se fala em princesa
É de reino encantado,
Nunca, jamais, do Nordeste
Ou do Ceará o estado.
Mas mudar de opinião
Será bom aprendizado.
(TABAJARA, 2018, p. 6)

Oficina 3 (31-03): Márcia Kambeba e Julie Dorrico

A terceira oficina foi apresentada por meio de uma metodologia muito semelhante à primeira, porém não foi possível terminar nas duas aulas previstas, o que permitiu fazer algumas alterações, como, por exemplo, solicitar uma pesquisa para ser feita em casa.



O primeiro passo realizado foi escrever os poemas das autoras na lousa e colar suas fotografias e imagens de alguns rios brasileiros. À classe foi solicitado que copiasse os textos no caderno de forma organizada, ainda sendo necessário chamar atenção para a estrutura do poema, como se organiza no papel, tendo em vista que alguns estudantes tinham dúvidas a respeito de continuar um verso na frente do outro.

Logo após, foi solicitada a presença de uma dupla masculina para declamar o poema de Márcia Kambeba. Tal leitura foi desafiadora por apresentar o nome de diversas etnias, de modo que os estudantes acharam muito difícil a pronúncia das palavras. Por fim, realizamos um jogral com todo o grupo. A mesma estratégia foi utilizada para a declamação do poema de Julie Dorrico: neste caso, uma dupla de meninas, que desempenharam a atividade com facilidade pelo fato de esse texto não apresentar palavras de línguas indígenas.

Após as declamações, fizemos uma análise geral dos dois poemas, chamando a atenção para determinados aspectos históricos (no poema de Kambeba) e aspectos referentes à defesa dos rios (no poema de Dorrico), finalizando com algumas questões para serem respondidas em casa. Aproveitando o ensejo, instiguei a turma a pesquisar algum poema e a biografia das duas autoras e trazer escritos no caderno. No dia 07/04, recebi as tarefas de casa, então foi possível ampliar os conhecimentos sobre os poemas das autoras, pois formei subgrupos de acordo com a coincidência das escolhas dos poemas, e a eles foi sugerido que declamassem o texto em jogral. Além disso, ficaram mais familiarizados com a biografia dessas duas poetisas indígenas.

CONCLUSÃO

Este relato de experiência, que toma por base a literatura indígena, é fruto de um trabalho desenvolvido em uma escola do Ensino Fundamental no interior do Estado da Bahia, tendo como pretensão ser um exemplo das tantas experiências possíveis de desenvolvimento nessa área. Tem-se consciência de que não é tão simples assim trazer as histórias, as culturas e as literaturas indígenas para a sala de aula, pois, para que o trabalho seja significativo e seja realizado numa perspectiva decolonial, se faz necessário que os educadores tenham acesso a uma formação que dê suporte e subsídio intelectual nas práticas pedagógicas, a fim de não



contribuir para a manutenção de um ambiente propagador de estereótipos, que evidentemente não são poucos.

Acredito que, ao ensinar aos estudantes que não existe uma história única, como salienta Chimamanda Ngozi Adichie, estamos, como escola, cumprindo uma função social de grande relevância que contribui para a formação de uma sociedade tolerante, diversa e plural. Nesse sentido, por intermédio da literatura indígena, podemos auxiliar nossos estudantes a compreenderem a existência de diversos mundos, cada um com as suas cosmogonias, sem sobreposições. E, também, que é possível SIM construir espaços onde coexistam culturas plurais, sendo possível experienciar vivências de respeito, de reconhecimento e de valorização.

REFERÊNCIAS

DORRICO, Julie. *Vô Madeira*. Disponível em: <https://revistaacrobata.com.br/julie-dorrico/poesia/vo-madeira-poema-de-julie-dorrico/>. Acesso em: 2 mar. 2022.

GRAÚNA, Graça. *Canto Mestizo*. Rio de Janeiro: Blocos, 1999.

KAMBEBA, M. *Ay Kakyri Tama: eu moro na cidade*. 2 ed. São Paulo: Pólen, 2018.

POTIGUARA, Eliane. *Metade Cara, Metade Máscara*. 3. ed. Rio de Janeiro, Grumin Edições, 2018.

TABAJARA, Auritha. *Coração na aldeia, pés no mundo*. 1. ed. São Paulo: Uk'A editorial, 2018.

Oficina 1 disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=xpsoH2X_jQc&t=12s

Oficina 2 disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Uty-cR2iO1k&t=6s>

Oficina 2 disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=E_DKhRvBNt8

Oficina 3 disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mvjjHjAlNKU>

ANEXOS

Figura 1. 8º ano A



Figura 2. 8º ano B



Oficina 1 – A poética de Eliane Potiguara e de Graça Graúna

Figura 3. Leitura em jogral



Figura 4. Exposição dos poemas na lousa

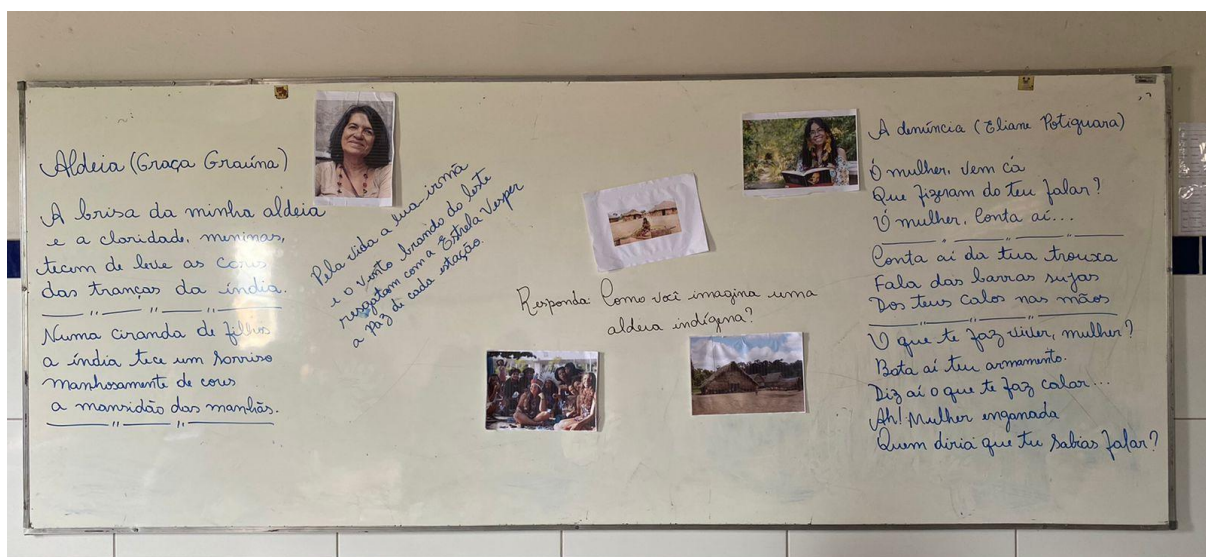


Figura 5. Encenação do poema “A denúncia”, de Eliane Potiguara



Figura 6. Interpretação do poema

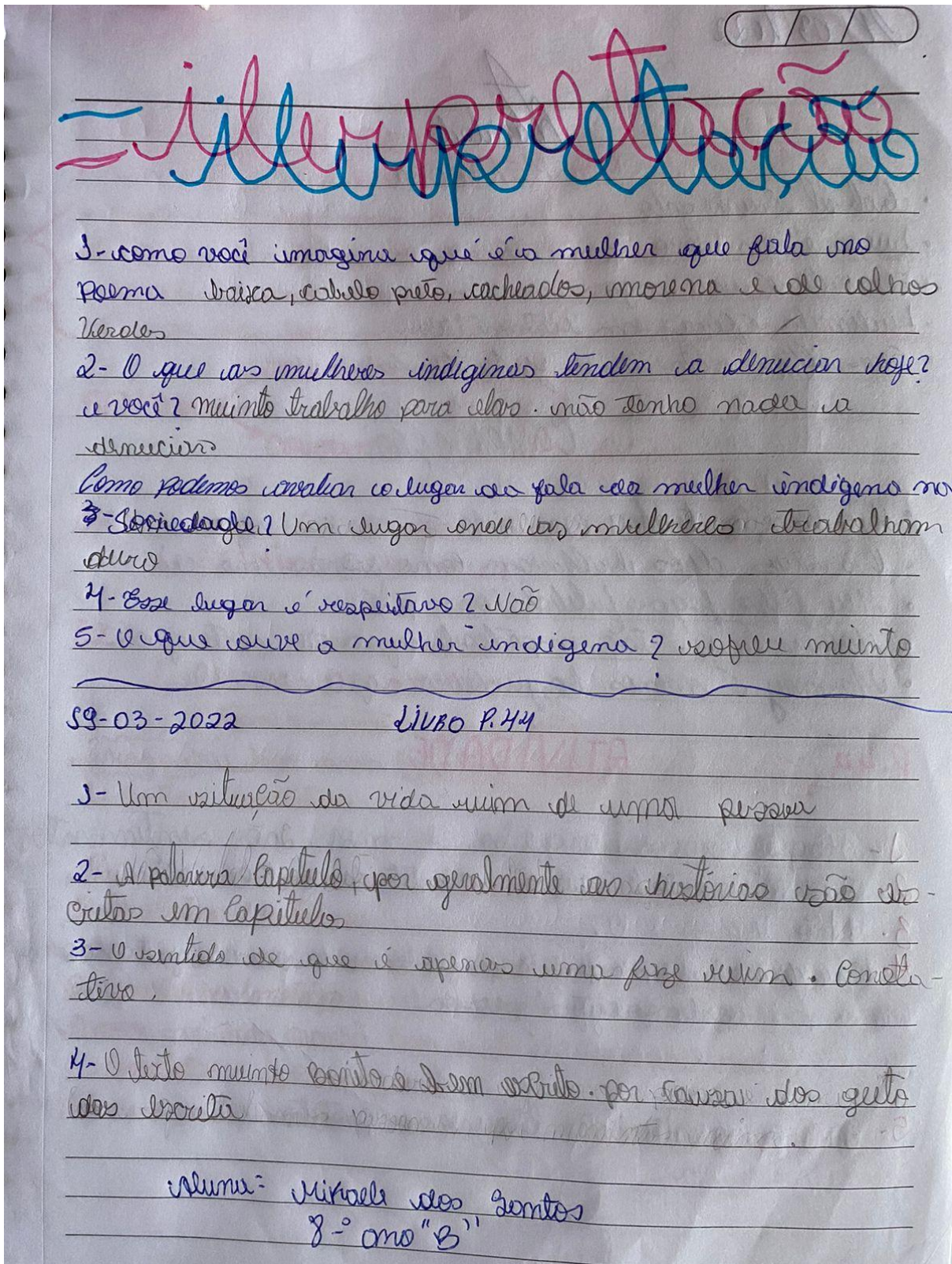


Figura 7. Interpretação do poema

O que te faz viver, mulher?
Bota aí o teu ornamento.
Diz aí o que te faz falar...
Ah! Mulher enganada
Quem diria que tu sabias falar?

Resposta: Como você imagina uma aldeia indígena?
Várias famílias sempre juntas e se ajudando,
com crenças e tradições muito fortes, conexão
forte com a natureza, uma aldeia relativamente
grande com casas feitas de coisas naturais,
divisões de tarefas, tradições ocorrendo muito
frente.

interpretação do poema aldeia

1. O título do poema sugere que iria apresentar um determinado espaço. Que espaço é esse?
Uma aldeia indígena.
2. Como ele está sendo apresentado?
Um lugar fresco e claro, mulheres indígena estão
trancas e sorridentes, com muitos filhos.
3. Quais são os elementos utilizados pelo eu lírico
que valorizam as identidades indígenas?
O título aldeia, as trancas de cabelo das mulheres.
4. Há rimas?
há rimas imperfeitas

Mariana

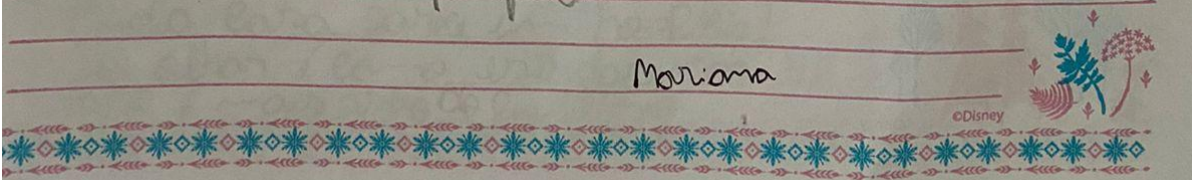


Figura 8. Interpretação do poema

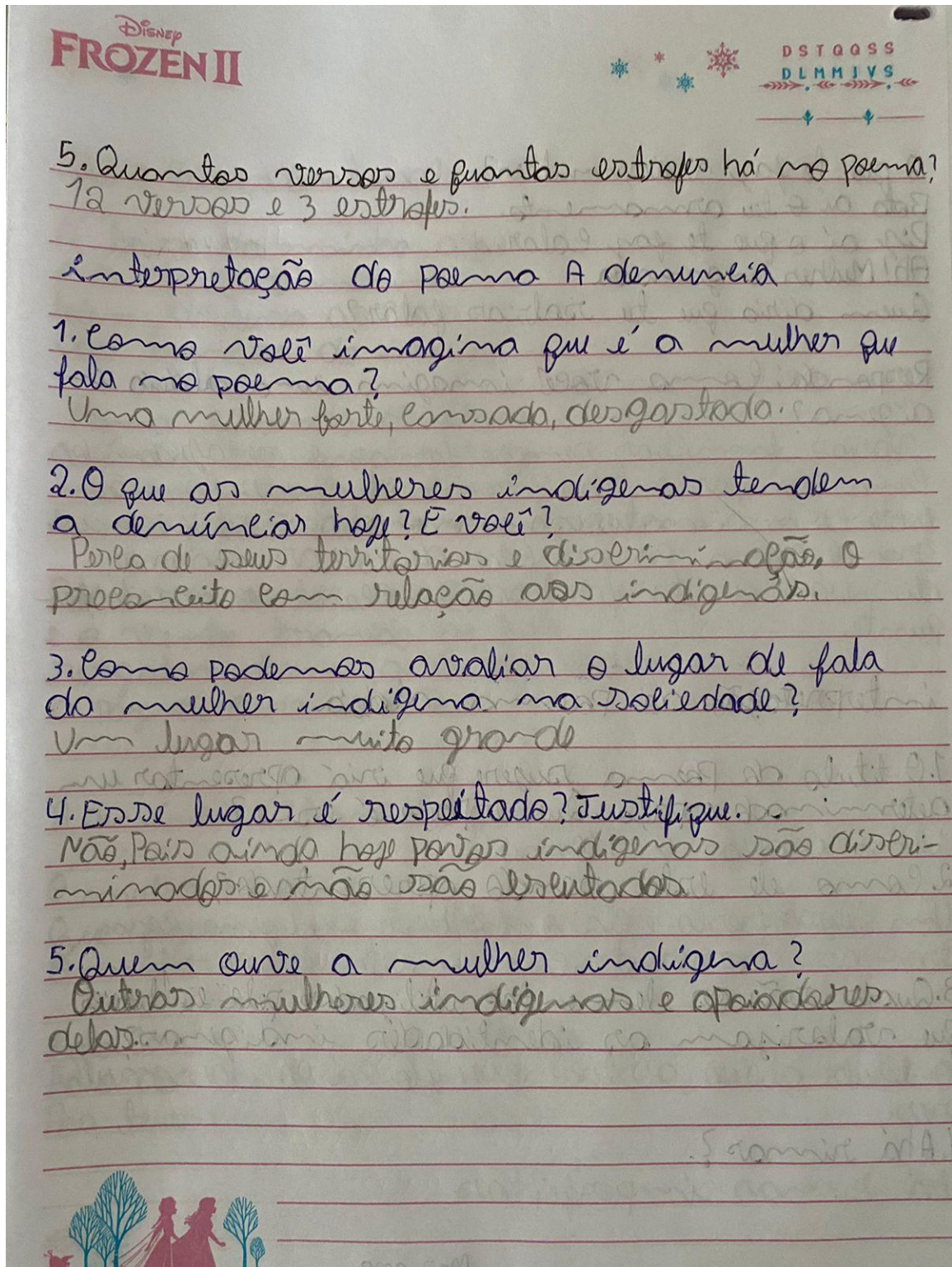


Figura 9. Interpretação do poema

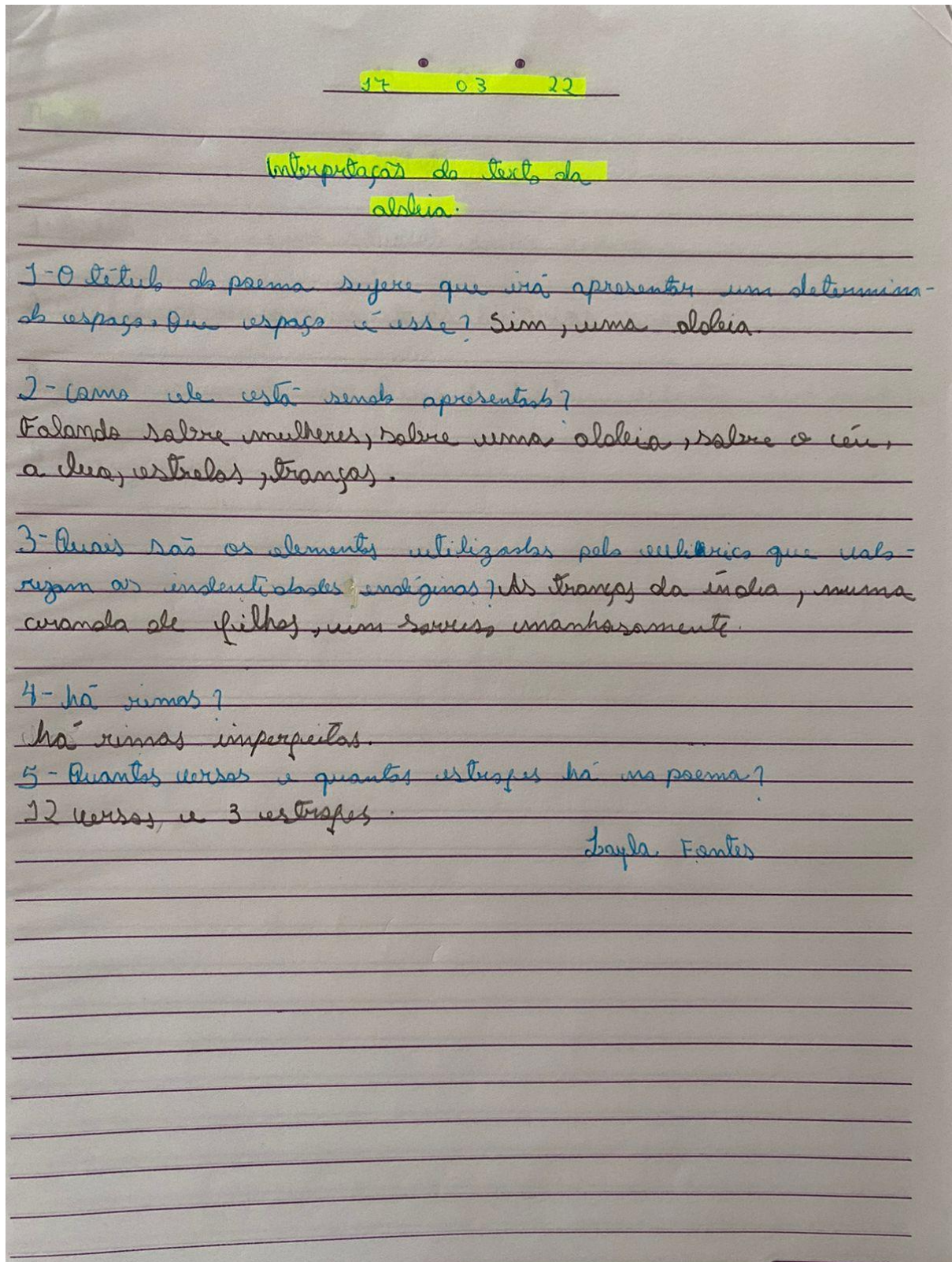


Figura 10. Pergunta realizada antes de apresentar o poema

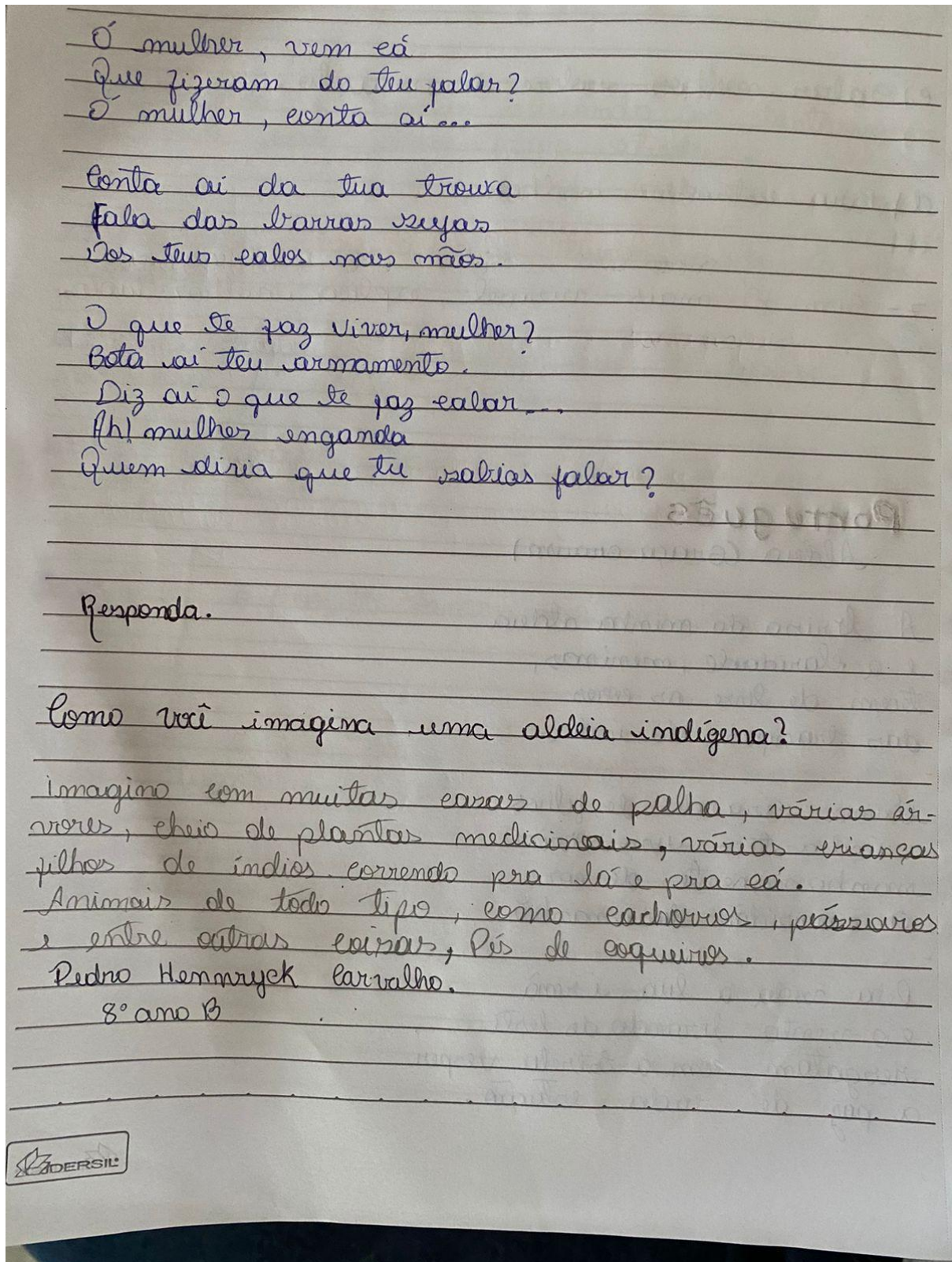


Figura 11. Interpretação do poema

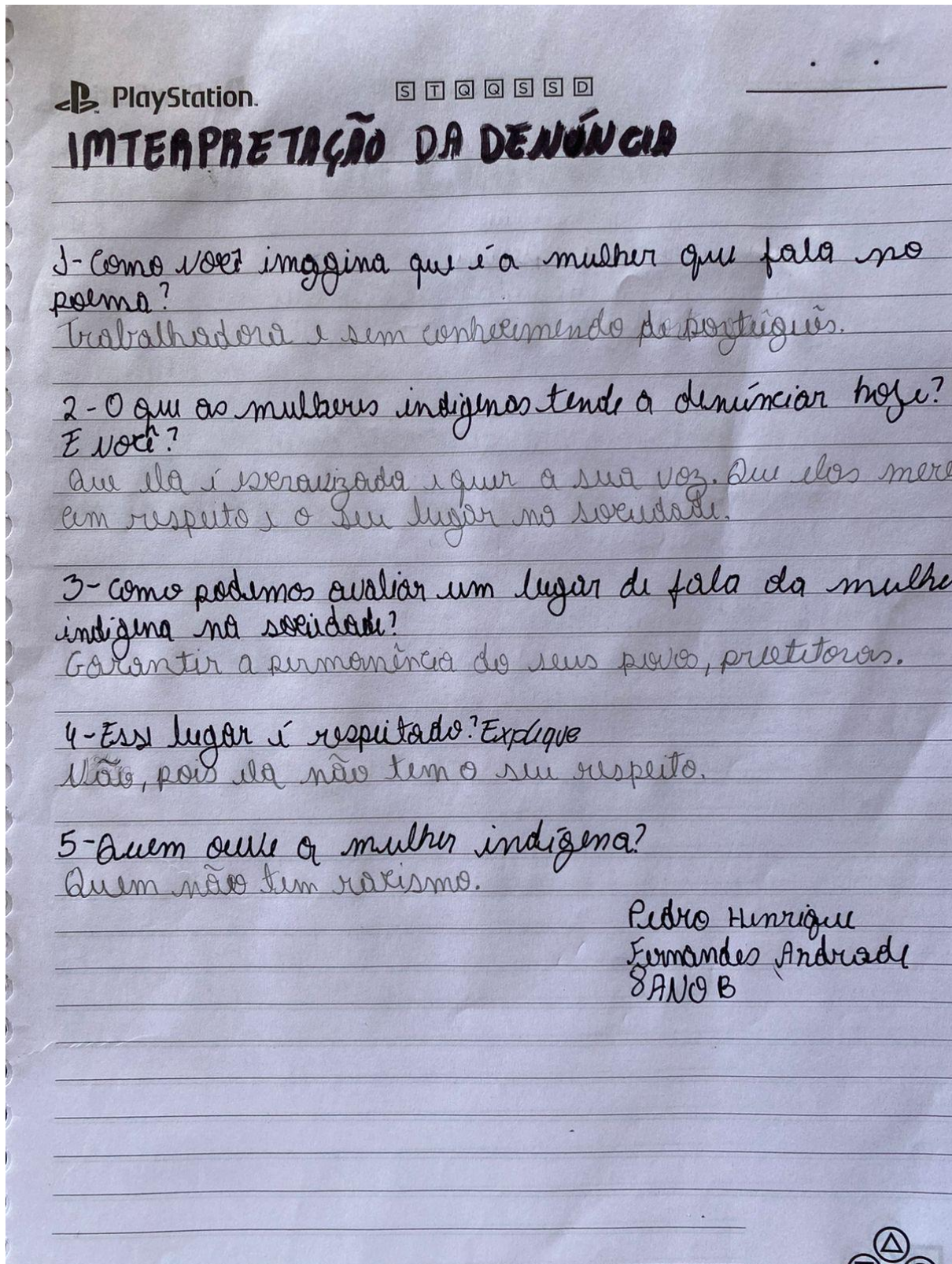
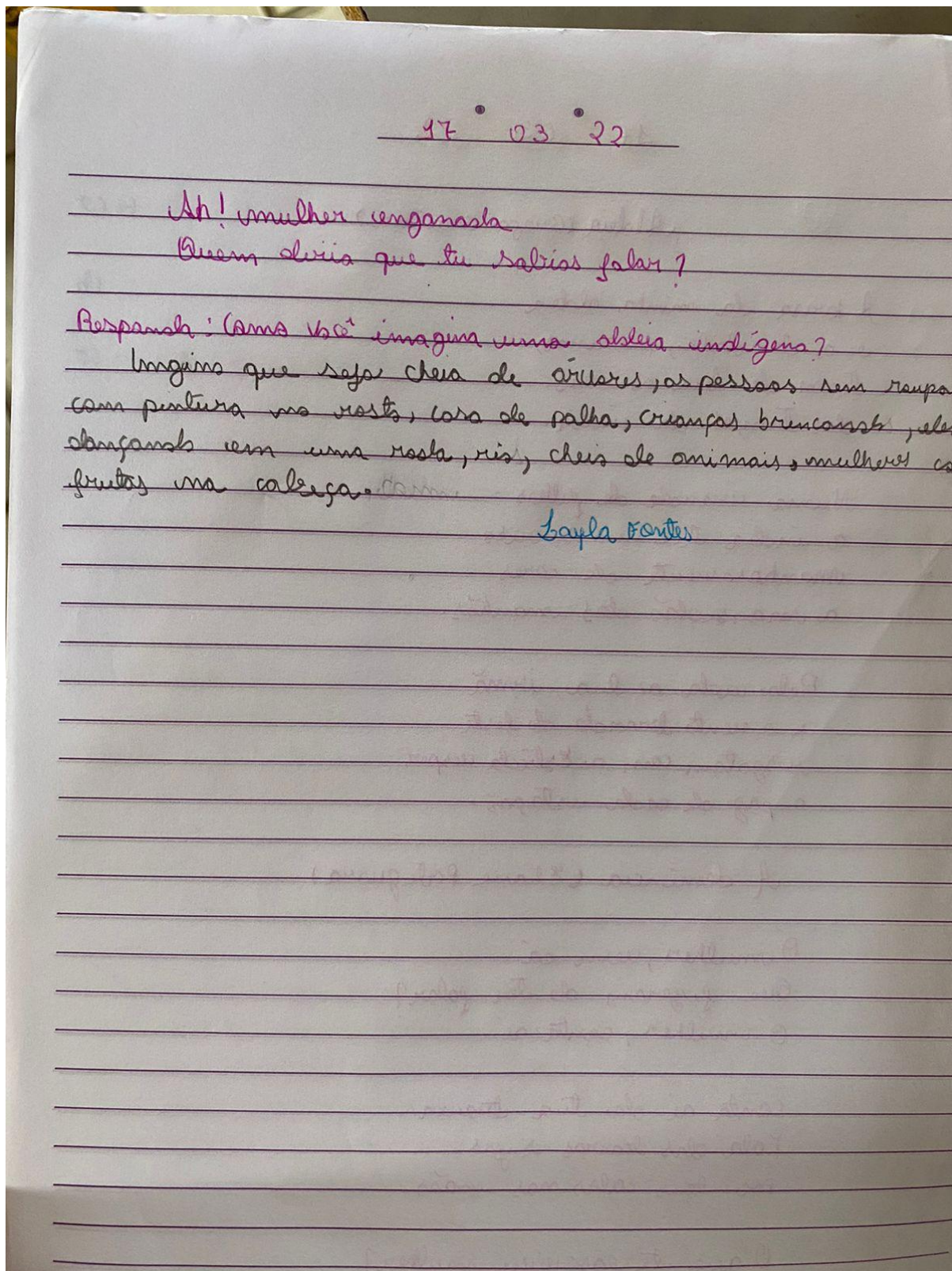


Figura 12. Pergunta elaborada antes da apresentação do poema



Oficina 2 – O cordel de Auritha Tabajara

Figura 13. Roda de leitura do cordel *Coração na Aldeia, pés no mundo* (2018) no 8º ano A



Figura 14. Apresentação de livros de autores indígenas no 8º ano B



Figura 15. Autobiografia produzida depois da leitura do cordel de Auritha Tabajara

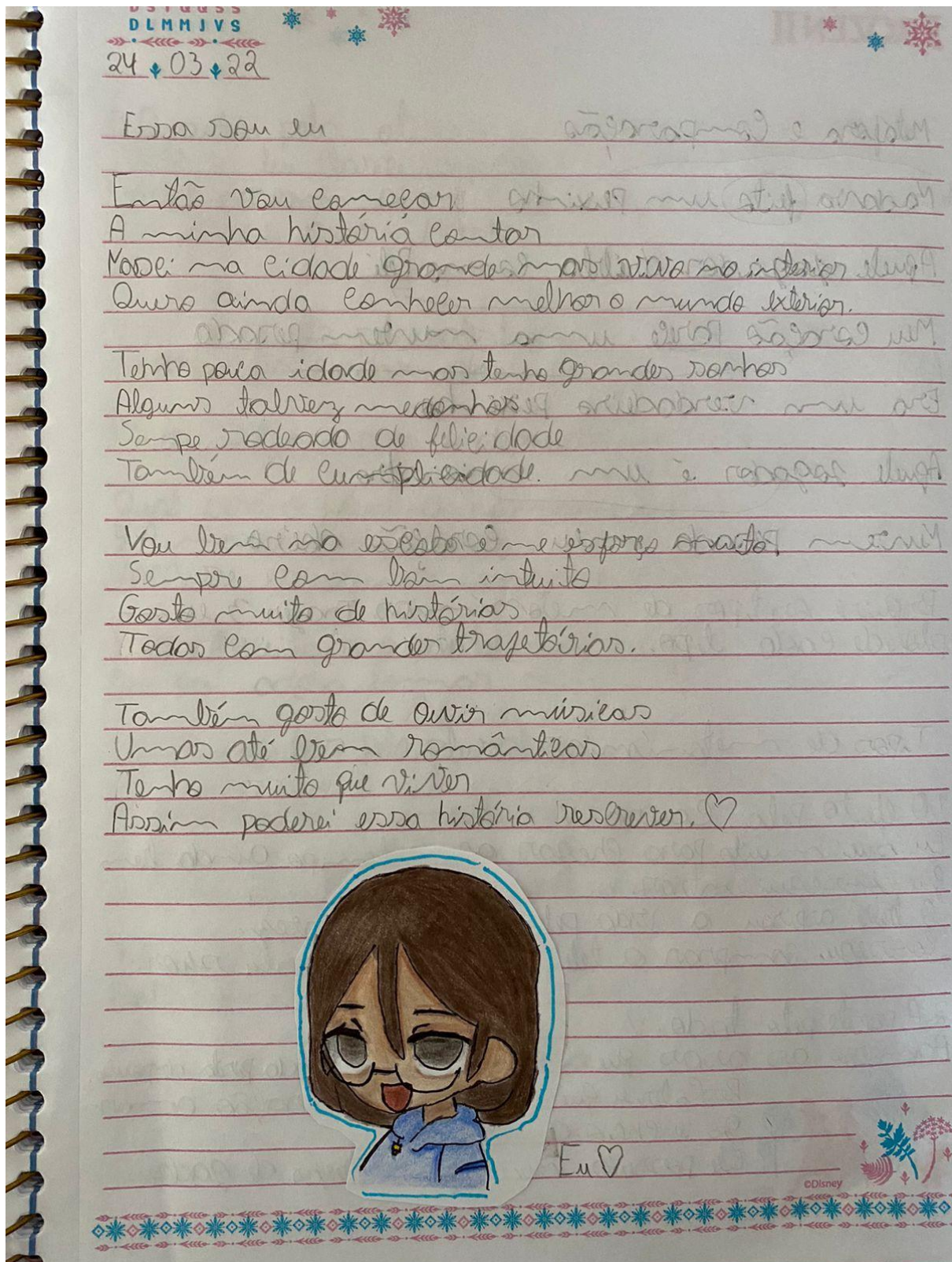
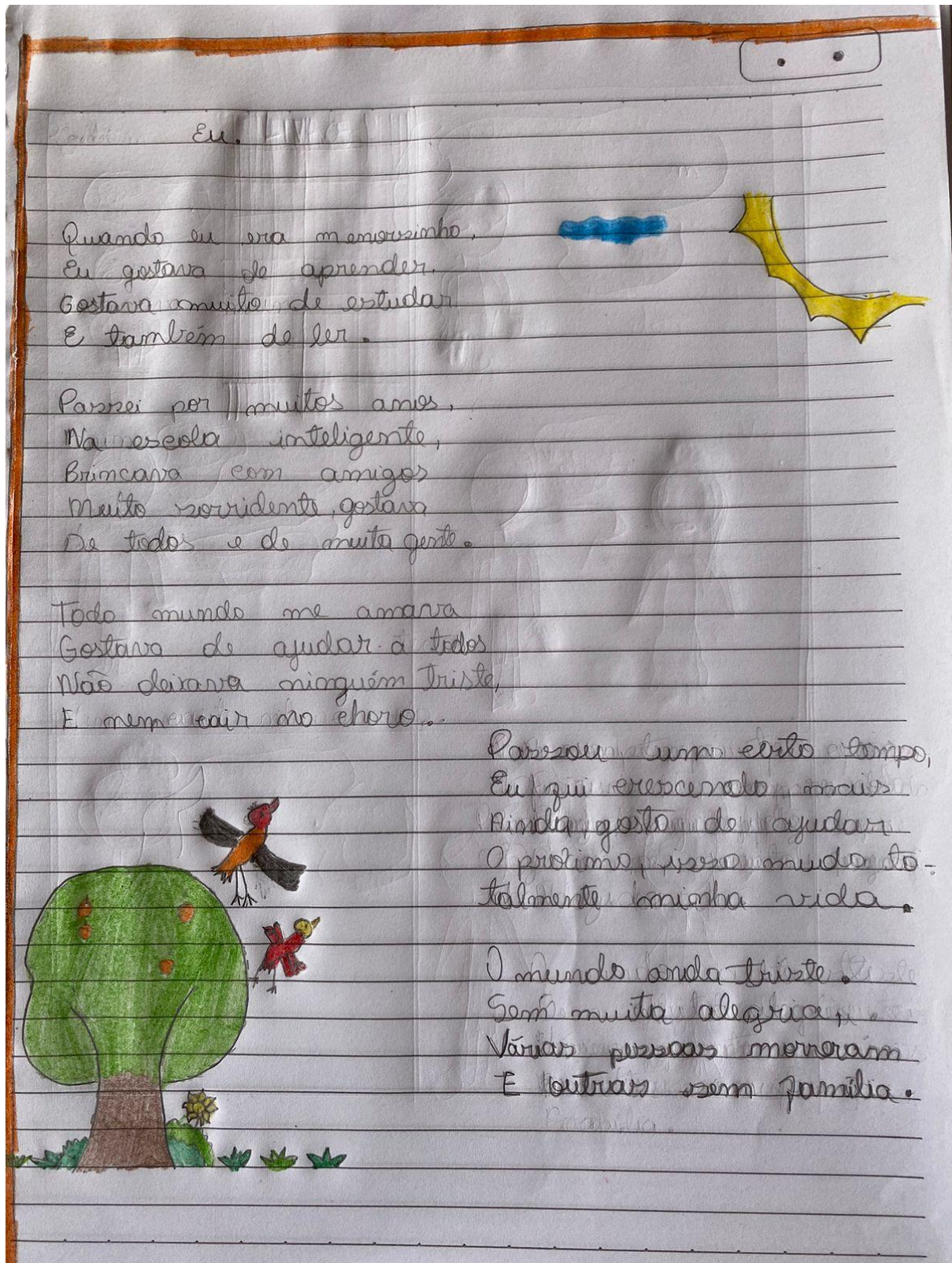


Figura 16. Autobiografia produzida depois da leitura do cordel de Auritha Tabajara



Oficina 3 – A poética de Márcia Kambeba e Julie Dorrico

Figura 17. Declamação do poema “Índio eu não sou”, de Márcia Kambeba, no 8º ano A

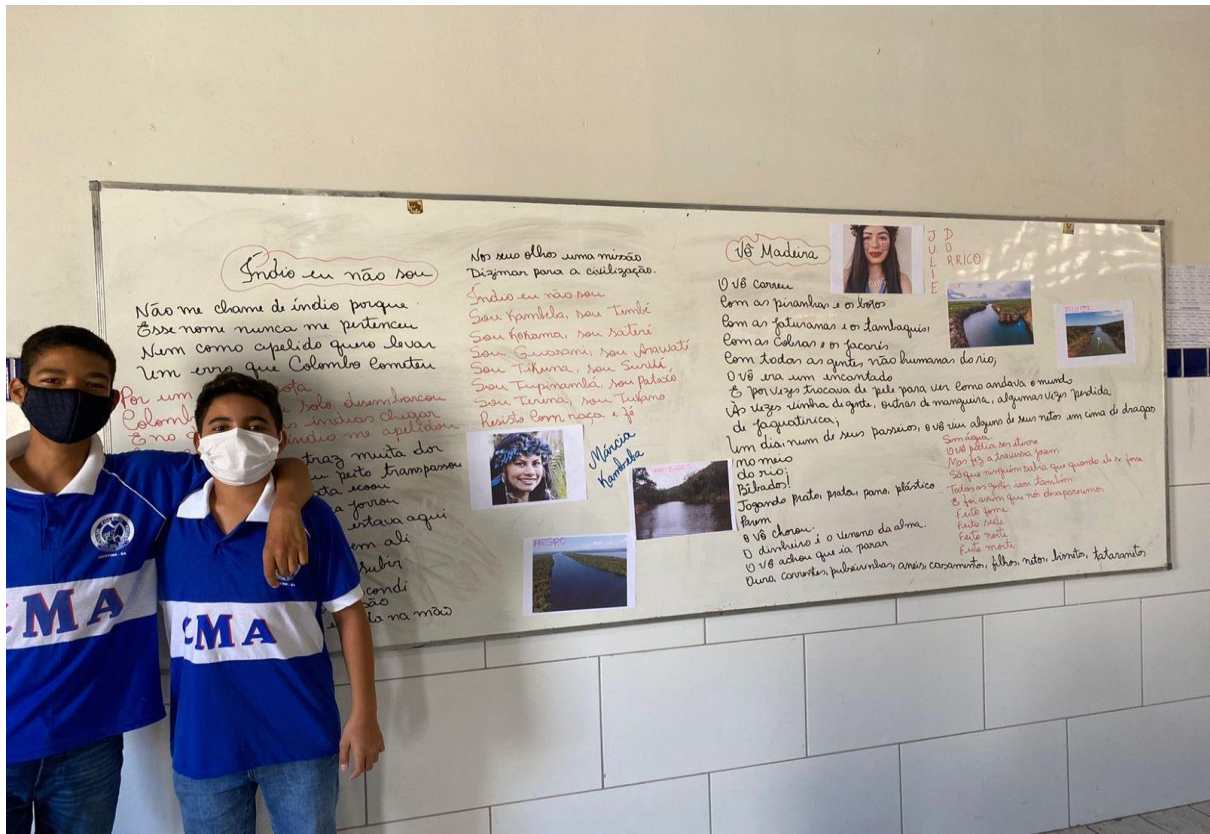


Figura 18. Exposição dos poemas de Márcia Kambeba e de Julie Dorrico

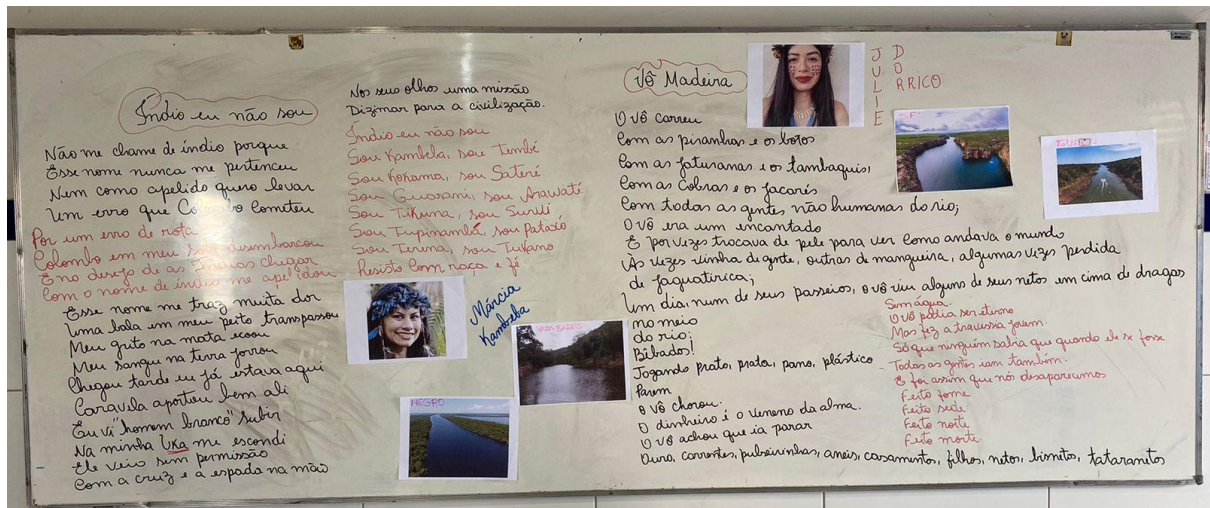


Figura 19. Releitura do poema "Vô Madeira", de Julie Dorrico

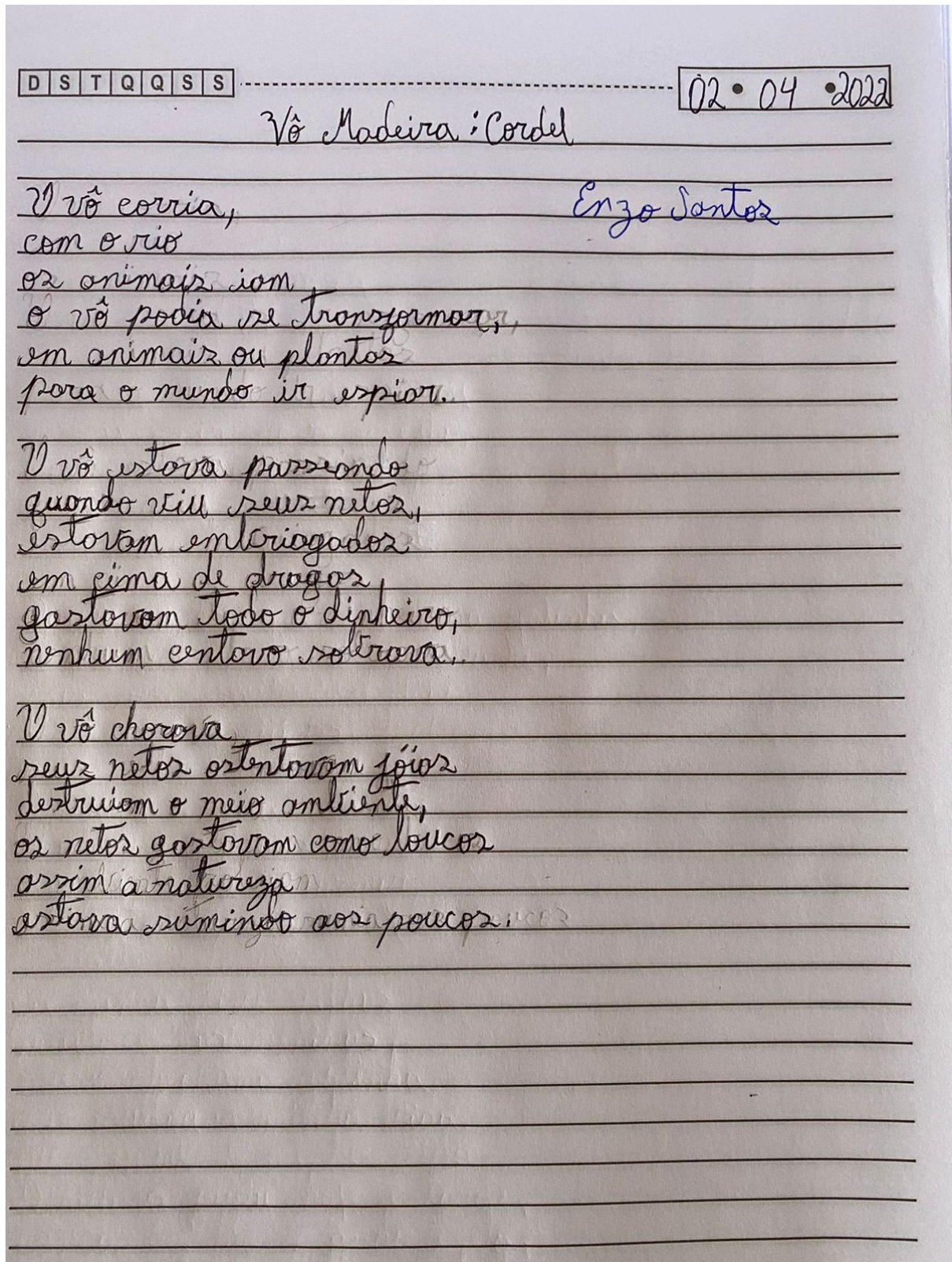


Figura 20. Releitura do poema "Vô Madeira", de Julie Dorrico

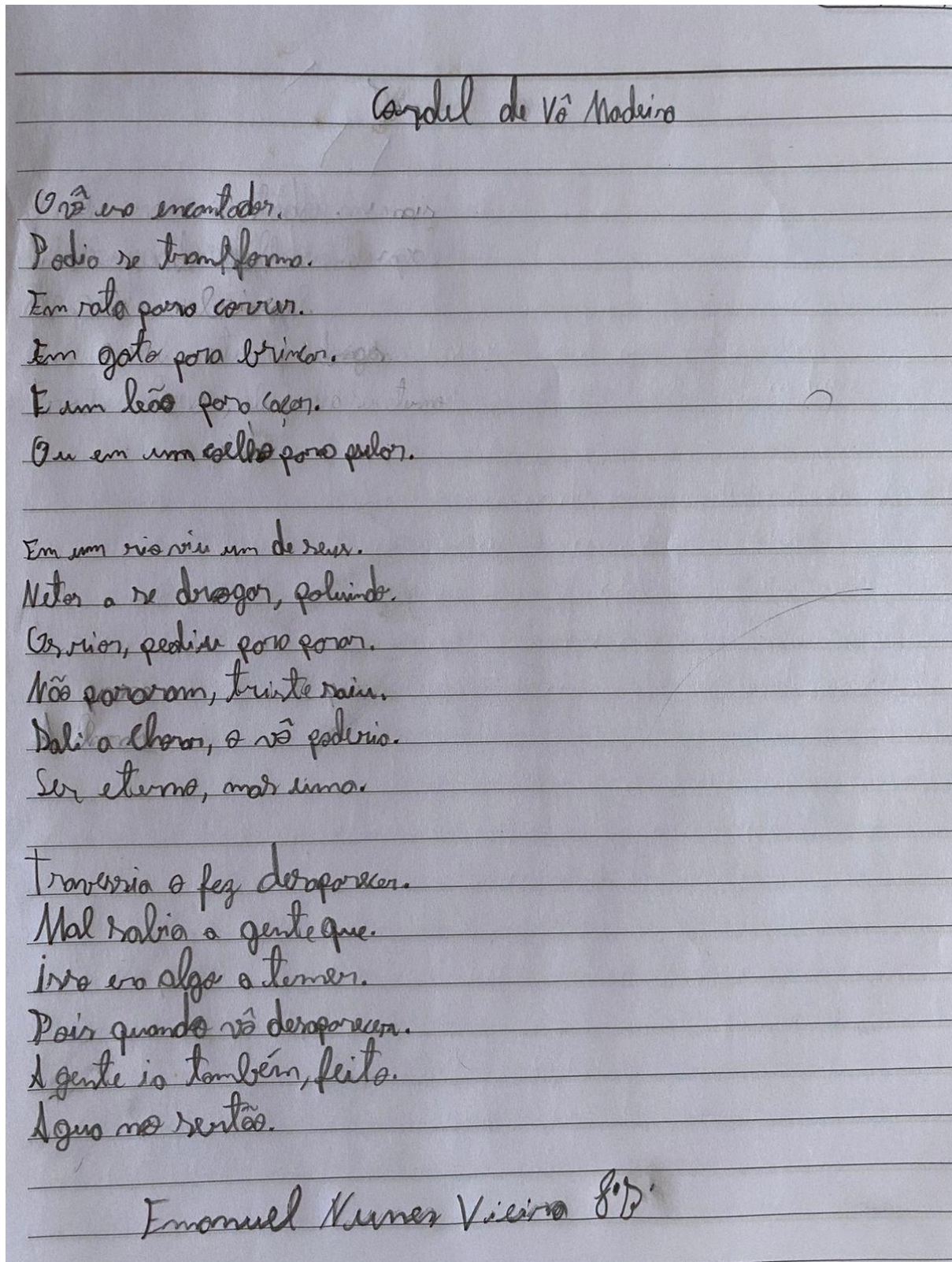


Figura 21. Intepretação do poema

sem água
O rio podia ser eterno
Mas fez a travessia fazer
Só que ninguém sabia que quando ele se fosse
Tudo os gentes iam também
E foi assim que nós desaparecemos
Feito fome
Feito sede
Feito morte
Feito morto.

Interpretação do poema "indio eu não sou"

1. Qual é a diferença de índio e indígena?
Indígena significa natural do lugar onde vive, e relembro que eles estavam aqui antes dos colonizadores também índio e eu
2. Pensando no contexto da colonização, o que se pode inferir pelo verso "chegou tarde eu já estava aqui", presente na terceira estrofe?
Que os povos indígenas estavam aqui antes dos colonizadores mas foram apagados por eles.
3. Qual a simbologia dos termos "cruz" e "espadas"?
Cruz foram os cristãos que chegaram e queriam converter os indígenas a fé e espada simboliza a morte de muitos indígenas.
4. São citadas, na última estrofe, várias etnias indígenas, como elas se relacionam com o título do poema?
Que eles são mais do que índios




Figura 22. Intepretação do poema

